

A REPLICAÇÃO DE TEXTOS (ESCRITOS) EM BLOGS E A QUESTÃO DA AUTORIA

Mariana Tane Neves Vasconcelos
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Márcia Helena de Melo Pereira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: As frequentes replicações de textos escritos em *blogs* suscitam dúvidas a respeito de sua fonte e origem. Nessa perspectiva, o objetivo deste artigo é investigar se textos postados em *blogs* sobre o mesmo tema contêm indícios de autoria e, se não têm, observar se há risco de plágio. Para isso, selecionamos três *blogs* cujas publicações versam sobre um mesmo assunto e buscamos identificar marcas de autoria, conforme Possenti (2001, 2002). Além disso, fundamentamo-nos na enunciação verbal de acordo com Bakhtin (2011); nas características do hipertexto segundo Xavier (2002); e em considerações a respeito do *blog* sob o ponto de vista do conceito de gênero e de suporte, com base, principalmente, nos estudos de Marcuschi (2004, 2010). Após a análise, constatamos que os textos dos *blogs* selecionados não são replicações e, ao serem citados, funcionam como um ponto de partida para a discussão sobre o tema em questão, uma vez que contêm indícios de autoria.

Palavras-chave: *Blogs*; Indícios de autoria; Replicação.

Introdução

As características do hipertexto *on-line* permitem a criação de novos modelos textuais sociointerativos, dos quais, especificamente, há um que nos importa investigar: o *blog*. Observamos que nas frequentes replicações textuais escritas, nestes espaços virtuais, nem sempre é possível encontrar a fonte ou origem desses textos, e, portanto, seus verdadeiros autores. Esta situação recorrente justapõe-se a uma outra: o risco de plágio nos textos escritos em *blogs*.

Segundo Bakhtin (2011), a interação entre os sujeitos de cada esfera da atividade humana configura os gêneros discursivos, visto que “cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros textuais que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa” (BAKHTIN, 2011, p. 280).

Ainda segundo o filósofo, o sujeito da enunciação não é um “Adão mítico” (BAKHTIN, 2011), um ser solitário no mundo, nem criador de todas as coisas, por isso, seu objeto de discurso não é o primeiro no mundo, nem é ele, o sujeito, o primeiro a falar sobre este objeto (BAKHTIN, 2011, p. 319), ou seja, “cada enunciado é pleno de ecos e

ressonâncias de outros enunciados” (BAKHTIN, 2011, p. 297). Sendo assim, podemos dizer que cada enunciado possui um autor, um sujeito que é responsável pelo que enunciou.

A respeito do estabelecimento da autoria, Foucault (1969) apresenta duas noções: uma que está diretamente relacionada à produção de obra e a outra que está relacionada à abertura de discursividades.

Diferentemente das noções de autor indicadas por Foucault, Possenti (2001, 2002) propõe uma noção de autoria que leve em consideração dois comportamentos do escrevente em relação ao texto e aos seus interlocutores: dar voz ao outro e manter distância.

Diante do exposto, perguntamo-nos: como podemos identificar se um texto replicado em *blogs* se constitui em um novo enunciado e, portanto, dotado de autoria? Para responder a esta pergunta é que nos valem dos estudos de Possenti (2001, 2002) acerca de uma outra proposta para a noção de autoria.

Para atingir nossos objetivos, selecionamos três *blogs* cujos textos tratam de um mesmo tema: a repercussão da notícia acerca da distribuição, pela prefeitura, de kits escolares compostos por mochila, estojo, lápis, borracha e caneta a alunos da rede escolar municipal da cidade de Jequié, interior baiano, no ano de 2017. Em seguida, identificamos o texto original e as replicações que partiram dele, observando a data e o horário de postagens dos referidos textos, para, enfim, apontar se nesses textos publicados nos *blogs* há ocorrência de plágio. Posteriormente, com base na noção de autoria proposta por Possenti (2001, 2002), buscamos identificar se há marcas que dão voz ao outro, mantêm distância e evitam a mesmice.

Na seção seguinte, discorreremos sobre o conceito de gênero segundo Bakhtin (2011).

Do enunciado ao gênero

Conforme Bakhtin (2011), o caráter dialógico da linguagem tem como objetivo a comunicação entre o eu e o outro, entre o falante e o ouvinte, de modo que, em cada esfera da atividade humana, a língua efetua-se por meio de diversas vozes que perpassam o cotidiano e a história do homem, uma vez que cada voz se constitui de especificidades, finalidades e sentidos que as unem em um todo inseparável e único, formando o enunciado, o qual, por sua vez, é reflexo de outros enunciados presentes na cadeia comunicativa. O limite entre cada um desses enunciados está na alternância entre os falantes (BAKHTIN, 2011).

Conforme o autor russo, “[...] cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*” (BAKHTIN, 2011, p. 261-293, grifos do autor).

O gênero possui três pilares indissolúveis: composição, conteúdo temático e estilo (BAKHTIN, 2011). Quanto ao primeiro pilar, diz respeito à organização do texto, ou seja, está relacionada ao modo como cada parte do texto está disposta em sua composição de acordo às especificidades exigidas pela esfera de circulação de cada gênero. Quanto ao segundo pilar, o conteúdo temático, refere-se ao tema, ou seja, a orientação discursiva, o aspecto direcionador da comunicação em um dado contexto. Por fim, o terceiro pilar corresponde ao estilo, que, segundo Bakhtin (2011), “está indissolúvelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, os gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2011, p. 265), podendo se estabelecer sob duas orientações distintas, sendo uma de caráter subjetivo e voltada para as singularidades do sujeito que enuncia, e a outra que possui um caráter mais coletivo, voltado para o público “e as práticas de linguagem [...], garantindo-lhe certa estabilidade” (RIBEIRO, 2010, p. 59).

Assim, entendemos que os textos encontrados em *blogs* possuem especificidades em sua esfera comunicativa, constituindo-se, portanto, em gêneros discursivos. No entanto, alguns gêneros podem ser confundidos com suportes textuais, uma vez que as fronteiras entre eles continuam, ainda, não tão bem marcadas. Dessa forma, discorreremos, a seguir, sobre o *blog* na perspectiva de gênero e de suporte.

Então, *blog* é gênero ou é suporte?

Caracterizado como uma variação do diário pessoal, o *blog* é um tipo de diário virtual cuja especificidade revela “uma escrita autobiográfica com observações diárias ou não, agendas, anotações, em geral muito praticados pelos adolescentes na forma de diários participativos” (MARCUSCHI, 2004, p. 29). Complementar à ideia de Marcuschi, Komesu (2005) afirma que *blog* é uma página *web* frequentemente atualizada em ordem cronológica, com textos multissemióticos que permitem a integralização de *links* às publicações com rapidez e eficácia (KOMESU, 2005, p. 99).

Miller (2009) afirma que, apesar de os *blogs* possuírem muitas formas, eles apresentam um padrão que os aproxima: o formato. Para o autor, os *blogs* obedecem a uma estrutura que inclui: 1) postagens datadas; 2) cronologia reversa – as postagens sempre

aparecem das mais recentes para as mais antigas; 3) presença de *links* – passagem para outros hipertextos; 4) atualização frequente; e 5) possibilidade de comentários (MILLER, 1999, p. 72-74). Apesar dessas especificidades, observamos que a natureza do *blog* não se restringe apenas ao gênero, já que podemos utilizar esta página *web* como um meio de fixação textual.

Baseado em Marcuschi (2004), Bonini (2011) afirma que o suporte textual é “uma espécie de elemento em que o gênero se fixa e que está encarregado de pôr esse gênero em circulação” (BONINI, 2011, p. 57). Para o autor, há duas categorias de suporte: o físico – que foi criado, especificamente, para aquela função (o álbum, o *outdoor*, etc.), e o convencional – que foi levado a atender àquela função (jornal, revista, etc.). Marcuschi (2003) informa que cada suporte deve ser analisado conforme a relação que possui com o gênero que suporta, uma vez que os suportes contribuem tanto para a escolha dos gêneros a serem fixados quanto para a forma em que é apresentado (MARCUSCHI, 2003, p. 13). No caso do *blog*, ainda que seja um gênero textual, podemos considerá-lo também como um suporte, já que é o *blog* um gênero que também fixa e veicula outros gêneros textuais.

Uma vez que o hipertexto é o espaço em que se encontra o *blog*, é pertinente que exponhamos sua definição e características. É o que faremos na seção a seguir.

Hipertexto

O termo Hipertexto foi primeiro mencionado por Theodor Nelson, em 1960, com o projeto Xanadu, cuja finalidade era “criar uma biblioteca universal que funcionasse como um sistema de publicação de informações baseado em Hipertextos”, a fim de criar um artefato que desse ao usuário “acesso total ao mundo do conhecimento, que lhe permitisse escolher entre vários caminhos de acesso e, assim, fizesse-o decidir livremente de acordo com seus interesses e necessidades qual trilha hipertextual seguir” (XAVIER, 2002, p. 24).

Atualmente, o hipertexto não se refere apenas ao texto escrito, já que no contexto da internet o hipertexto *on-line* permite mudanças no modo de produção e recepção de textos, sendo possível emitir, compartilhar, copiar, colar etc., informações por meio de textos multissemióticos (XAVIER, 2002, p. 29). Segundo Xavier (2002), as características que diferenciam o hipertexto do texto são: a) Imaterialidade; b) Confluência de modos enunciativos; c) Não linearidade; e d) Intertextualidade infinita (XAVIER, 2002, p. 29-33).

A respeito da primeira característica, imaterialidade, refere-se ao fato de que, diferentemente de um texto posto em suporte de papel que nos permite pegá-lo, com o texto

posto no hipertexto *on-line* isto não é possível. Embora possamos fazer um *print* (foto da tela), ainda assim não se caracteriza como algo material, portanto, facilmente podemos perdê-lo de vista em meio aos inúmeros outros textos na rede.

Quanto à confluência de modos enunciativos, é possível que haja semelhanças entre texto e hipertexto, já que existem textos com imagens, siglas, referências, símbolos, contudo, é impossível clicar e ser direcionado a outros textos, como o fazemos no hipertexto virtual.

No tocante à não linearidade, as diferenças são mais fortemente marcadas, uma vez que esta peculiaridade pode interferir na constituição de sentidos, permitindo que o usuário fique desorientado ao passar de um hipertexto a outro (por meio de *hiperlinks*).

Por fim, a intertextualidade infinita permite ao usuário transitar, ilimitadamente, entre os textos, mantendo um assunto ou tema afim. No texto comum, tal característica ocorre por meio do uso de siglas, referências etc., mas há um limite expresso: o fim da folha de papel.

As características do hipertexto possibilitam a qualquer pessoa publicar textos sem que haja um controle catalográfico, sendo assim, levantamos as seguintes questões: as peculiaridades do hipertexto *on-line* o transformam em uma terra sem dono? A quem responsabilizamos quanto ao que está sendo enunciado no hipertexto? E, ainda, podemos dizer que há indícios de autoria nos textos hipertextuais? E havendo, como devemos entender as replicações textuais postadas nos *blogs*? Possenti (2001/2002) propõe um diferencial a respeito de autoria, que acreditamos ser a resposta para tais perguntas.

É sobre isso que passamos a discorrer, na próxima seção.

Indícios de autoria: em busca de possibilidades

Foucault (1969) apresenta duas condições para que se estabeleça o autor em um texto: uma que diz respeito à autoria só existir se houver uma obra que está associada ao sujeito que a escreveu, e a outra refere-se à abertura de discursividade a partir do que o sujeito escreveu.

Diferentemente de Foucault (1969), Possenti (2001, 2002) propõe uma noção de autoria que leva em conta dois comportamentos do escrevente em relação ao texto e aos seus interlocutores: dar voz ao outro e manter distância. Para Possenti (2001, 2002), juntamente com o **dar voz ao outro** está imbricada a ideia do “**como** dar voz ao outro”, numa comparação que o linguista faz com a teoria do dialogismo bakhtiniano, no tocante à ideia de que um enunciado é reflexo de outros enunciados já existentes e que, desse modo, torna os enunciados, ainda que únicos, dotados de semelhanças, as quais Possenti nomeia de

“mesmices”, sugerindo, assim, que no processo do “como” o sujeito destaca-se dos demais ao produzir enunciados dotados de originalidade (POSSENTI, 2002, p. 117). Em síntese, o autor propõe que um texto que não seja uma obra ou parte dela e que não funde uma discursividade pode conter indícios de autoria expressos por recursos linguístico-discursivos agenciados de maneira singular e manipulados em um contexto de condicionamentos históricos (POSSENTI, 2002, p. 121). Em outras palavras, são indícios de autoria, segundo Possenti (2002), o ato de dar voz ao outro e de manter distância do que se “diz” e sobre quem se “diz”, evitando, nessa atitude, recorrer à mesmice. Vejamos, brevemente, como utilizar tais recursos para que a autoria se estabeleça no texto.

Primeiro, sobre dar voz ao outro, Possenti (2002) mostra que algumas formas possíveis são, o ato de proferir “velhos discursos” conhecidos por uma maioria de modo diferente, isto é, citar diretamente pessoas, lugares, acontecimentos de conhecimento público, introduzir opiniões de outros, como também tomar para si estes discursos e refutá-los, etc. Estas atitudes consistem em “dar voz explicitamente a outros e incorporar discursos correntes, fazendo ao mesmo tempo uma aposta a respeito do leitor” (POSSENTI, 2002, p. 113).

Quanto ao indício “manter distância”, Possenti (2002) defende que “Locutores/enunciadores se constituem enquanto tais, em boa medida, por marcarem sua posição em relação ao que dizem e em relação a seus interlocutores”, pois o sujeito, de maneira implícita ou não, enuncia de uma posição no discurso (POSSENTI, 2002, p. 114-115), sendo, às vezes, preciso suspender o que “está dizendo” para que ocorra essa tomada de posição. Segundo o autor, o recurso da metaenunciação também costuma ser recorrente nesse ponto, à medida que o locutor considere a necessidade da suspensão do que está dizendo, tanto “para explicar-se diante da reação do outro, visível ou imaginável”, quanto para explicar o sentido de alguns termos lexicais, e, ainda, fazer retomadas, resumos etc. sobre o que ele próprio estava enunciando (POSSENTI, 2002, p. 114).

Dessa forma, é com base na noção de autoria de Possenti (2001, 2002) que buscaremos apontar as marcas de autoria nos textos dos *blogs* que nos servem para análise, para, posteriormente, verificar se neles há plágios ou marcas do escrevente.

Ao considerar que, no Brasil, encontramos em *blogs* textos inteiramente replicados do texto de origem, como também cópias parciais desses textos, é que discorreremos, brevemente, sobre o que possa vir a ser plágio, com base na Lei de Direitos Autorais. Basicamente, o plágio remete-se à apropriação de algum texto ou obra intelectual – completo ou parcial – sem que haja em sua reprodução a referência aos seus devidos autores.

Segundo Lemos e Pereira (2018), no Brasil, é visto como autor, a pessoa física que cria obras literárias, científicas ou artísticas, conforme Lei de Direitos Autorais nº 9.610/1998, no Capítulo II, no título II, Art. 11; ainda, no Art. 14, garante o direito de autoria a quem “adapta, traduz, arranja ou orquestra obra caída no domínio público” (BRASIL, 1998).

A respeito das medidas de proteção às reproduções de obras, esta mesma lei, no Capítulo IV, Título III, Art. 46, prevê o amparo legal nos casos em que houver a indicação do(s) autor(es) e origem da(s) obra(s) quando este(s)/esta(s) forem citadas em livros, revistas, jornais etc. (BRASIL, 1998). A desobediência a qualquer dos itens regidos por esta lei poderá dispor Sanções às Violações dos Direitos Autorais. Sendo assim, para que não se configure em violação, as citações devem conter a referência ao autor da obra.

O ambiente hipertextual virtual permite aos usuários copiar e colar textos com facilidade. Resta-nos saber se os textos que nos servem como análise estão sendo replicados ou não, e se, ainda que não, tais textos fazem parte da criação de novas discursividades. Certamente, a noção de autoria proposta em Possenti (2002) poderá nos dar a resposta a esta e outras perguntas levantas no decorrer deste artigo. É o que passamos a investigar, a seguir.

Replicação textual em blogs e o risco de plágio: análise

Os textos que analisaremos adiante, doravante textos 1, 2 e 3, são publicações em *blogs* referentes à repercussão da notícia sobre os kits escolares entregues pela prefeitura aos alunos da rede escolar, como informamos na introdução deste artigo.

O texto 1, foi postado no blog B.N., por A.C.L., em 08 de maio de 2017, às 19:00 horas. Este foi o primeiro texto a ser postado. Este *blog* é mantido por S.C., um jornalista baiano que tem sua carreira profissional marcada pelo comentarismo político. Com um caráter jornalístico, o B.N. mantém postagens diversificadas e organizadas em colunas de esportes, saúde, humor, educação etc., e, principalmente, questões do cenário político, em geral.

(1)

Jequié: Prefeitura entrega kits escolares e tamanho das mochilas vira piada na Internet
Uma situação inusitada ocorreu em Jequié na última sexta-feira (5). A prefeitura local entregou kits escolares para alunos da rede pública de ensino contendo mochila, estojo, lápis, caneta e borracha. Até aí tudo bem. Só que quando as crianças menores foram experimentar os novos acessórios algo curioso aconteceu: aparentemente, o tamanho único do apetrecho não foi pensado para as crianças mais novas, que literalmente “cabem” nas mochilas. A internet não perdoou e a foto da criança já foi compartilhada em grupos do Facebook. “Vocês que não

entenderam. Mochila para crianças é na verdade mochila para GUARDAR crianças”, disse uma internauta. Em outro comentário falaram: “Acho que era para botar as crianças dentro com a cabecinha para fora e alguém levar, porque não é possível”. A prefeitura não comentou sobre o caso, mas divulgou a entrega dos kits no Facebook.

Para efeito de análise, baseando-nos nos indícios de autoria propostos por Possenti (2002), observamos, no texto 1, que o título “Jequié: Prefeitura entrega kits escolares e tamanho das mochilas vira piada na Internet” revela uma das marcas de autoria referidas em Possenti (2002): tomada de posição de locutores/enunciadores ao exporem a sua opinião sobre o tema do próprio texto narrado. Vejamos porque isso acontece. Observamos no título que o locutor apoia seu discurso nas opiniões alheias. Ao afirmar no trecho “[...] e tamanho das mochilas vira piada na internet” ele se refere aos comentários derivados da entrega de tais kits pela prefeitura, enquanto também arrisca no conhecimento do leitor de que situações que viram piada na internet, geralmente, são constrangedoras, desajustadas, atrapalhadas etc.

Também a respeito do título, observamos que o escrevente escolhe utilizar os dois-pontos logo após o termo “Jequié”. Dois-pontos é um sinal de pontuação responsável por dar uma breve suspensão no curso do enunciado e leva o leitor a entender que alguma informação relevante à compreensão do texto virá em seguida. Possenti afirma que “há indícios de autoria quando diversos recursos da língua são agenciados mais ou menos pessoalmente [...]”, pois “o apelo a tais recursos produz efeitos de autoria quando agenciados a partir de condicionamentos históricos [...]” (POSSENTI, 2002, p. 121).

Ainda completando este sentido de criar uma expectativa no leitor dada aos poucos pelo escrevente, podemos perceber que à conjunção “e” no título é atribuída a ideia de consequência que, por sua vez, expressa implicitamente uma ironia, já que o blogueiro poderia informar de outra forma como, por exemplo, narrar que a prefeitura de Jequié entregou kits escolares aos alunos, **mas** o tamanho das mochilas acabou repercutindo na internet. Ao contrário disso, ele escolhe manter o controle sobre o leitor, dando pistas aos poucos sobre o fato ocorrido. Para Possenti (2002), esta forma de marcar o seu lugar no discurso, como fez o escrevente, marca também o lugar do outro neste discurso, ou seja, fica evidente que há uma intenção por parte do escrevente em fazer os interlocutores acreditarem que o ato da prefeitura foi desajustado.

Vejamos, agora, como o autor, explicitamente, se posiciona em relação ao texto e aos seus interlocutores. Atenemos para as seguintes passagens: “Uma situação **inusitada**” e “Até aí tudo bem”. Observamos que ambas as marcas intercorrem ao sentido induzido pelo locutor

ainda no título, uma vez que o escrevente usa o recurso lexical “inusitada” para demonstrar que o fato se trata de algo incomum, ou diferente e, por isso, qualifica-o como uma consequência inesperada. Lembremos que, geralmente, a atitude de receber gratuitamente materiais escolares supõe obter uma resposta positiva, afinal, os responsáveis pelos estudantes não precisarão se preocupar em comprar estes materiais. De acordo com Possenti (2002), o autor claramente dá voz ao outro, também, quando agrega ao texto discursos correntes, acreditando que o leitor capte o sentido que ele (escrevente) deseja alcançar (POSSENTI, 2002, p. 13).

Outro indício que revela a autoria no texto 1 pode ser verificado em “**Aparentemente**”. Para dar voz ao outro, o blogueiro opta por sugerir que a prefeitura não tenha pensado no tamanho das mochilas para as crianças menores. Ocorre que em seguida ele utiliza o recurso das aspas em “cabem” no trecho “Aparentemente, o tamanho único do apetrecho não foi pensado para as crianças mais novas, que literalmente “**cabem**” nas mochilas”, para ironizar novamente. Em língua portuguesa, ao usar o termo “literalmente” significa dizer que o sentido para o que é literal é o mais próximo do real – ou seja, exatamente como a palavra significa sem dar outros sentidos a ela. Essa peculiaridade, neste caso específico, serve como uma intensificação do termo “**cabem**” entre aspas, uma vez que, no português brasileiro, o verbo *cabem* pode ter mais de um sentido – o figurado – que, significa o mesmo que **diz respeito** ou **convém** etc., e – o literal – referente a **poder estar** ou **ser contido**. As aspas, por sua vez, são um recurso linguístico – sinal gráfico, utilizado para realçar palavras e expressões.

Outra observação sobre este trecho citado “Aparentemente... cabem nas mochilas” revela que o escrevente busca apossar-se de um sentido universal: o de que, para se produzir um objeto como este, deve-se antes planejar os tamanhos de acordo aos seus usuários. Ao agir dessa forma, toma para si esta ideia no decorrer do texto, uma vez que sendo tais mochilas feitas com um propósito tão específico, já que são para “crianças menores” como ele afirma, deveriam ser planejadas antes da produção e distribuição. Nota-se, ainda, que o escrevente intenciona, com esta atitude apropriadora, preparar o seu interlocutor para a consequência gerada em torno do fato narrado, isto é, no trecho “a internet não perdeu e a foto da criança já foi compartilhada em grupos do Facebook” o locutor propõe novamente a ideia de que, se o ato da prefeitura em não planejar a produção das mochilas fora desajustado, seria óbvio que repercutiria negativamente na opinião das pessoas que tivessem conhecimento do ocorrido. Nota-se também que, a partir daí, buscando confirmar a sua opinião (visto que o locutor no decorrer do texto posiciona-se criticamente em relação ao episódio que narra), ele lança mão

de opiniões alheias, citando os comentários dos internautas a respeito da foto compartilhada, cuja imagem é de uma criança dentro da mochila. Observamos que, ao citar diretamente tais comentários, a saber: “Vocês que não entenderam. Mochila para crianças é na verdade mochila para GUARDAR crianças” e “Acho que era para botar as crianças dentro com a cabecinha para fora e alguém levar, porque não é possível”, o escrevente, de modo particular, explica o trecho “vira piada na Internet” presente no título do texto 1, uma vez que estes comentários são expressos em tons de ironia e humor. Dessa forma, ao expor do **seu jeito** tais informações e opiniões próprias a respeito do ocorrido, o locutor, também, serve-se de outro indício de autoria: evitar a mesmice.

Como pudemos observar, há, neste texto, pistas que nos levam a apontar a autoria conforme Possenti (2001, 2002) propunha, uma vez que foi possível evidenciar o uso de recursos da língua que permitiram ao escrevente: dar voz ao outro, como, por exemplo, nas passagens “Uma situação **inusitada**” e “Até aí tudo bem”, em que o locutor, respectivamente, toma para si ideias universais e aposta no conhecimento do leitor; manter distância do texto e de seus interlocutores, a exemplo de quando o locutor usa termos e expressões qualificadoras como em “aparentemente”, “literalmente”, “a internet não perdoou” etc.; e, ainda, evitar a mesmice, como, podemos exemplificar com o uso que o autor faz das aspas em “cabem”, ou da conjunção “e” ao diversificar o modo de compreensão que ele intenciona para o seu leitor.

Agora, entremos no texto 2, publicado no blog J.U., em 8 de maio de 2017, às 20:35 horas. O blog J.U. referencia o blog B.N. como fonte de origem da informação deste texto em questão. O blog J.U. tem mais de seis anos de criação e possui um caráter jornalístico, uma vez que apresenta informações sobre diversos temas, principalmente sobre política, fatos policiais e, eventos culturais. Ambos os temas dizem respeito às esferas nacionais, estaduais e regionais, com maior destaque para a região de Jequié.

(2)

MOCHILAS GIGANTES, PIADAS MAIORES *“Mochilas até à faculdade” “Pensando no futuro das crianças”*

Essas foram algumas das piadas mais assistidas nas redes sociais de toda a Bahia. O secretário de Educação de Jequié, Roberto Gondim, minimizou o tamanho um tanto quanto desproporcional das mochilas entregues a crianças da rede pública de ensino municipal. O objeto, tão grande que cabe até os pequenos dentro, acabou gerando piada nas redes sociais. De acordo com Gondim, a licitação para compra das mochilas foi fechada antes do término das matrículas e, por isso, o tamanho precisou ser padronizado, o que acabou não contemplando crianças menores. “Tivemos que fazer a licitação antes do quantitativo da matrícula. Mas nenhuma criança de creche vai sozinha para lá. Os pais sempre levam elas, eles

que carregam as mochilas”, afirmou, em entrevista ao Bahia Notícias. “Pela primeira vez, a gente distribuiu mochilas. Essa é uma questão menor [tamanho das mochilas]”, seguiu minimizando o secretário. Ele também negou ter ficado irritado com a repercussão do fato na internet. “Acho que isso é bem próprio das redes sociais”, ponderou. Em nota, a Secretaria de Educação da cidade informou que, “para evitar qualquer tipo de discriminação, principalmente com as crianças menores, a secretaria optou por distribuir o material a todos os alunos da rede municipal de ensino, prevalecendo assim o cuidado e a satisfação em ver a alegria das crianças e da família ao receberem as mochilas”. “Entendemos que deve prevalecer o bom senso de todos os envolvidos na utilização dos materiais distribuídos, cabendo principalmente aos pais ou responsáveis utilizarem as mochilas para transporte do material das crianças, lembrando ainda que o Ministério da Saúde recomenda que o peso transportado pelo aluno não ultrapasse em mais de 10% do peso da criança”, encerra a nota.

Começaremos a apontar os indícios de autoria no texto 2 a partir do título “MOCHILAS GIGANTES, PIADAS MAIORES – *“Mochilas até à faculdade”* – *“Pensando no futuro das crianças”*”. Observamos que o escrevente integra em seu texto alguns dos comentários publicados nas redes sociais a respeito da distribuição de mochilas a alunos menores. São eles: *“Mochilas até à faculdade”* e *“Pensando no futuro das crianças”*. É evidente o sentido irônico nestes dois trechos do título em relação ao trecho “MOCHILAS GIGANTES, PIADAS MAIORES”. Este sentido é sustentado, ainda, pelo subtítulo “Essas foram algumas das piadas mais assistidas nas redes sociais de toda a Bahia”, visto que o escrevente se preocupa em explicar o porquê de tais comentários estarem presentes no título. Com esta atitude, o locutor marca o seu lugar no discurso em “MOCHILAS GIGANTES, PIADAS MAIORES”, já que expõe a sua opinião sobre o tamanho das mochilas (gigantes) e, também, em relação à repercussão nos comentários (piadas maiores).

Nota-se ainda que, de modo explícito e criativo, o locutor dá voz ao outro referindo-se ao órgão da prefeitura de diversas formas, como em: “O Secretário de Educação”, “De acordo com Gondim”, “seguiu minimizando o secretário” e, “Em nota a Secretaria de Educação”. Segundo Possenti (2002, p. 116), tais marcas contribuem para escapar da “mesmice”, haja vista que o escrevente busca se referir ao órgão da prefeitura de maneiras distintas.

Há ainda marcas de autoria com o uso dos colchetes em “Pela primeira vez, a gente distribuiu mochilas. Essa é uma questão menor [tamanho das mochilas]”. O locutor busca com os colchetes retomar a ideia do tamanho desproporcional das mochilas. Vejamos como ele faz isso. Este trecho, quase todo, é referente ao “parecer” do secretário de educação a respeito do acontecimento. O escrevente, antes de finalizar esta citação, interrompe-a, intencionalmente e, por meio de colchetes, introduz a expressão “tamanho das mochilas” logo após o trecho “Esta é uma questão menor”. Certamente, há um trocadilho expressado pelo

sentido de oposição construído a partir das expressões “questão menor” e “tamanho das mochilas”, já que em outros pontos ele enfatiza que as mochilas são gigantes. O trocadilho, neste caso, refere-se ao uso de expressões que dão margens a outras interpretações.

Nota-se, ainda, que o enunciador lembra ao seu leitor, de forma irônica, da “gafe” cometida pela prefeitura, como foi o caso encontrado no título e subtítulo do texto. Em outro ponto, qual seja, “Pela primeira vez, a gente distribuiu mochilas. Essa é uma questão menor [tamanho das mochilas]”, constatamos que o locutor marca, explicitamente, sua posição no discurso por meio do uso dos colchetes, uma vez que interrompe o seu texto para insinuar que a informação do secretário está “errada”. Ademais, observamos que o enunciador dá voz ao outro ao inserir em seu texto as “falas” do secretário e os comentários “Mochilas até à faculdade” e “Pensando no futuro das crianças”, às quais o escrevente aponta como “piadas”.

Por fim, analisaremos o texto 3, publicado no blog O.I.Z., em 09 de maio de 2017 (não informou hora). Este blog designa-se como um “blog de ideias” e expõe vários artigos relacionados à saúde, sociedade, curiosidades, educação etc. O blog O.I.Z. informa que os conteúdos de suas postagens podem ser reservados a terceiros, como é o caso do texto 3, cujo blog afirma ter como fonte de origem desta notícia outro blog, o B.N.

(3)

Prefeitura na Bahia entrega kits escolares e tamanho das mochilas vira piada na Internet

Uma situação inusitada ocorreu em Jequié na última sexta-feira (5). A prefeitura local entregou kits escolares para alunos da rede pública de ensino contendo mochila, estojo, lápis, caneta e borracha. Até aí tudo bem. Só que quando as crianças menores foram experimentar os novos acessórios algo curioso aconteceu.

Aparentemente, o tamanho único do apetrecho não foi pensado para as crianças mais novas, que literalmente “cabem” nas mochilas. A internet não perdoou e a foto da criança já foi compartilhada em grupos do Facebook. “Vocês que não entenderam. Mochila para crianças é na verdade mochila para GUARDAR crianças”, disse uma internauta. Em outro comentário falaram: “Acho que era para botar as crianças dentro com a cabecinha para fora e alguém levar, porque não é possível”. A prefeitura não comentou sobre o caso, mas divulgou a entrega dos kits no Facebook.

O secretário de Educação de Jequié, Roberto Gondim, minimizou o tamanho um tanto quanto desproporcional das mochilas entregues a crianças da rede pública de ensino municipal. O objeto, tão grande que cabe até os pequenos dentro, acabou gerando piada nas redes sociais (leia aqui). De acordo com Gondim, a licitação para compra das mochilas foi fechada antes do término das matrículas e, por isso, o tamanho precisou ser padronizado, o que acabou não contemplando crianças menores. “Tivemos que fazer a licitação antes do quantitativo da matrícula. Mas nenhuma criança de creche vai sozinha para lá. Os pais sempre levam elas, eles que carregam as mochilas”, afirmou, em entrevista ao Bahia Notícias. “Pela primeira vez, a gente distribuiu mochilas. Essa é uma questão menor [tamanho das mochilas]”, seguiu minimizando o secretário. Ele também negou ter ficado irritado com a repercussão do fato na internet. (...)

Ao buscar pistas que nos levassem à constituição de um autor no texto 3, encontramos no título “Prefeitura na Bahia entrega kits escolares e tamanho das mochilas vira piada na Internet” o uso da conjunção “e” de forma irônica. Ao escolher este conectivo, o locutor dá um efeito negativo ao fato de o tamanho das mochilas virar piada na web. Esta atitude ainda cria uma expectativa no interlocutor, induzindo o leitor curioso a continuar a leitura do texto.

Notemos que o locutor busca, ainda, dar voz ao outro em vários pontos do texto, como, por exemplo, em “A internet não perdoou e a foto da criança já foi compartilhada em grupos do Facebook”, e em “A prefeitura não comentou sobre o caso, mas divulgou a entrega dos kits no Facebook”. Percebemos, nestes trechos, a intercorrência aos discursos correntes, fazendo a aposta no conhecimento do leitor a respeito do que seja um compartilhamento em rede internet, especificamente, na rede social Facebook. A respeito de apontar outras vozes além da sua em seu texto, o escrevente, no trecho “afirmou, em entrevista ao Bahia Notícias”, se preocupa em informar a fonte de origem da informação que descreve. Esta atitude, além de revelar as vozes do discurso, permitem ao locutor estabelecer uma relação de confiança com seu interlocutor, uma vez que ele aposta na compreensão do autor de que tal referência dá credibilidade à notícia que ele enuncia.

Quanto ao indício “manter a distância”, no texto 3, explicitamente o locutor constitui-se como autor à medida que critica o fato que narra, quando, por meio de palavras e expressões do tipo “inusitada”, “Até aí tudo bem”, “só que”, “aparentemente”, “seguiu minimizando” etc., qualifica o fato ocorrido e o discurso da prefeitura. Esta expressão do ponto de vista do enunciador é uma marca de autoria, pois o(s) locutor/enunciador(es) “constituem-se enquanto tais, em boa medida por marcarem sua posição em relação ao que dizem e em relação a seus interlocutores” (POSSENTI, 2002, p. 114).

Notamos que o texto 3 possui indícios de autoria marcados por diversos recursos linguísticos/discursivos da língua que corroboram para que um texto que não é reconhecido como obra seja dotado de uma discursividade movida, principalmente, pelo caráter dialógico da linguagem. Um exemplo disso é o uso da conjunção “e” no título “Prefeitura na Bahia entrega kits escolares e tamanho das mochilas vira piada na Internet”, em que o enunciador ironiza a ação da prefeitura, ao mesmo tempo em que prende a atenção do interlocutor. Outro exemplo é a tomada de posição no que diz respeito a manter a distância. O escrevente expõe o seu ponto de vista sobre o assunto ao criticar a posição discursiva do outro, ainda sem que perceba, uma vez que induz o leitor a constituir sentidos que vão de encontro às afirmações do secretário, quando utiliza alguns termos lexicais ou expressões, como, por exemplo,

“inusitada”, “Até aí tudo bem”, “aparentemente” etc. Vejamos que seria um modo menos marcado se o escrevente utilizasse ao invés de “O secretário de Educação de Jequié, Roberto Gondim, minimizou o tamanho um tanto quanto desproporcional das mochilas entregues a crianças da rede pública de ensino municipal” apenas “O secretário de Educação de Jequié, Roberto Gondim, minimizou o tamanho das mochilas entregues a crianças da rede pública de ensino municipal”. Nota-se, com isso, que as diferenças entre estas duas formas não se restringem apenas ao nível gramatical, mas, também, ao nível do discurso.

Considerações finais

Com base nos indícios de autoria propostos por Possenti (2001, 2002), analisamos 3 textos publicados em *blogs*, cujos temas versavam sobre um mesmo assunto, a saber: a repercussão da notícia sobre a entrega de kits escolares a crianças da rede pública escolar de um município no interior baiano. Apresentamos o gênero *blog* sob a perspectiva bakhtiniana e mostramos, ainda, como o *blog* funciona na condição de suporte – com fundamentações baseadas especialmente em Marcuschi (2003); contextualizamos o hipertexto apresentando as características conforme Xavier (2002); e, por fim, apresentamos as noções de autoria conforme Foucault (1969) e Possenti (2001, 2002). Assim, buscamos, segundo a noção de autoria de Possenti, investigar se há nos textos comuns, como os textos encontrados nos referidos *blogs*, marcas que expressem o estabelecimento do autor pelo sujeito que enuncia.

Segundo Possenti (2001, 2002), há duas atitudes do sujeito enunciador que lhe proporcionam uma condição de autor: dar voz ao discurso do outro e manter distância do texto e dos outros enunciadores inseridos num contexto de recondicionamento histórico. Possenti ainda considera que, no processo de produção textual discursiva, o sujeito utiliza artefatos da língua que interferem não apenas na estrutura textual/gramatical/lexical, mas, principalmente, na constituição das discursividades derivadas dos discursos de outros. Evidenciamos essas atitudes nos textos selecionados. Relembremos algumas delas.

No texto 1, foi possível identificar que o enunciador usa os recursos da língua em favor da sua opinião, a exemplo do uso dos dois-pontos que em “Jequié: Prefeitura entrega kits escolares e tamanho das mochilas vira piada na Internet” ganha sentidos a mais que a função gramatical de separar frases, isto é, o sinal de pontuação opera criando expectativa no interlocutor, qual seja, a de saber o que virá a seguir no texto. O sinal dois-pontos é utilizado novamente no trecho “Só que quando as crianças menores foram experimentar os novos

acessórios algo curioso aconteceu: Aparentemente o tamanho único do apetrecho não foi pensado para as crianças mais novas...” com a mesma intenção do primeiro uso, assim, constatamos que este aparato linguístico trouxe ao texto um caráter de autoria, já que o sujeito que enuncia busca controlar a interpretação do leitor ao criar expectativas sobre o texto. No texto 2, foi possível verificar a autoria mediante as atitudes do enunciador em dar voz ao outro, quando aponta o discurso alheio em seu texto, ao integrar-lhe as “falas” do secretário de educação e, em seguida, os comentários “*Mochilas até à faculdade*” e “*Pensando no futuro das crianças*”, logo após, qualifica-as como “piadas”. Esta atitude ocorreu no título “MOCHILAS GIGANTES, PIADAS MAIORES – *Mochilas até à faculdade*” – “*Pensando no futuro das crianças*” – “Essas foram algumas das piadas mais assistidas nas redes sociais de toda a Bahia”. Nesse ponto, evidenciamos que o sujeito parte do discurso alheio para, em seguida, fazer uma crítica. Nota-se que, se o sujeito não tivesse intenções em relação ao seu interlocutor, simplesmente poderia descrever o acontecimento sem qualificá-lo. Dessa forma, o termo “piadas” poderia ser trocado por “comentários” ou “repercussões”, duas palavras que não interfeririam tanto na compreensão dos leitores quanto o uso do termo “piada” interfere. Identificamos, ainda, no texto 3, que, para dar voz ao outro em seu texto, o escrevente, no trecho “afirmou, em entrevista ao Bahia Notícias”, preocupa-se em certificar o seu leitor de que o que ele enuncia é verdade. Esta atitude, além de revelar as vozes do discurso, permite ao locutor manter uma relação de confiança com seu interlocutor, uma vez que ele aposta na compreensão do leitor de que tal referência à origem da informação dá credibilidade à notícia que ele enuncia.

Além disso, a respeito da ordem de postagens, atestamos que o texto 1 foi o primeiro a ser publicado, seguido do texto 2 e, por último, o texto 3. Chegamos a esse resultado ao comparar as datas e horários de postagens. Embora em ambos os textos haja enunciados semelhantes, ao investigarmos, conforme a proposta de Possenti, a respeito dos indícios de autoria, constatamos que em cada um desses textos as partes que foram citadas serviram de ponto de partida para a discussão sobre o tema em comum nos três *blogs*, como já explicitamos.

Portanto, constatamos que nesses textos publicados nos *blogs* não há replicação, já que os indícios de autoria são marcadamente expressos ao longo dos textos, conforme revelamos no decorrer da análise. Nesta perspectiva, resta-nos afirmar que nesses três textos que analisamos não se configura o risco de plágio, uma vez que há neles marcas linguístico-discursivas que conferem autoria.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BONINI, Adair. Mídia/suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 11, n. 3, 2011. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v11n3/05.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2019.

BRASIL. **Lei nº 9.610**, de 19 de fevereiro de 1998. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9610.htm>. Acesso em: 28 jul. 2018.

KOMESU, Fabiana Cristina. **Entre o público e o privado**: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de *blogs* na internet. 2005. 269 f. Tese (Doutorado). Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2005. Disponível em:
<http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270930/1/Komesu_FabianaCristina_D.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2019.

LE MOS, Patrícia Souza; PEREIRA, Márcia Helena de Melo. **Revisão textual e produção de dissertação de mestrado**: uma reflexão sobre o risco de plágio. Vitória da Conquista, Mímeo, 2018.

MARCUSCHI, Luís Antonio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro, p. 13-31 Editora Lucerna, 2004.

MARCUSCHI, Luís Antonio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MILLER, Carolyn Rae; SHEPHERD, Dawn. Blogar como ação social: uma análise do gênero *weblog*. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; HOFFNAGEL, Judith Chambliss & MOZDZENSKI, Leonardo (Orgs.). **Gênero Textual, Agência e Tecnologia** de Carolyn R. Miller. São Paulo, p. 59-86. Parábola Editorial. 2012

RIBEIRO, Pollyanne. Funcionamento do gênero do discurso. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 54-67, 1º sem. 2010.

POSSENTI, Sírio. Enunciação, autoria e estilo. **Revista FAEBA**. Revista do Departamento de Educação – Campus I, n. 15. Salvador, 2001.

POSSENTI, Sírio. Índícios de autoria. **Perspectiva** – Revista do Centro de Ciências da Educação. n. 20. Florianópolis, 2002.

Texto 01- Jequié: **Prefeitura entrega kits escolares e tamanho das mochilas vira piada na Internet**. Disponível em: <<https://www.bahianoticias.com.br/municipios/noticia/9402-jequie-prefeitura-entrega-kits-escolares-e-tamanho-das-mochilas-vira-piada-na-internet.html>>. Acesso em: 12 fev. 2019.

Texto 02 - **Mochilas gigantes, piadas maiores "Mochilas até à faculdade" "Pensando no futuro das crianças"**. Disponível em: <<https://www.jequieurgente.com/mochilas-%C2%A8gigantes%C2%A8-distribuidas-pela-prefeitura-de-jequie-provoca-piadas-em-redes-sociais/>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

Texto 03 - **Prefeitura na Bahia entrega kits escolares e tamanho das mochilas vira piada na Internet**. Disponível em: <<http://oincrivelze.com.br/2017/05/prefeitura-na-bahia-entrega-kits-escolares-e-tamanho-das-mochilas-vira-piada-na-internet/>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. **Hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital**. 2002. 214 f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

SOBRE AS AUTORAS

Mariana Tane Neves Vasconcelos

Mestranda em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Brasil; Programa de Pós-Graduação em Linguística; Bolsista da CAPES. E-mail: tanevasconcelos@hotmail.com

Márcia Helena de Melo Pereira

Doutora em Linguística Aplicada, Universidade de Campinas (Unicamp); Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - Brasil; Programa de Pós-Graduação em Linguística. E-mail: marciahelenad@yahoo.com.br